



ISSN: 2310-0036

Vol. 2 | Nº. 8 | Ano 2017

Jean Santos

Universidade Estadual de Goiás

svcjean@yahoo.com.br



Rua: Comandante Gaivão nº 688

C.P.: 821

Website: <http://www.ucm.ac.mz/cms/>

Revista: <http://www.reid.ucm.ac.mz>

Email: reid@ucm.ac.mz

Tel.: (+258) 23 324 809

Fax: (+258) 23 324 858

Beira, Moçambique

Turismo e Olaria: reflexão em torno das potencialidades de Caldas Novas, Goiás – Brasil

Tourism and Pottery: reflection on the potential of Caldas Novas, Goiás - Brazil

Resumo

As discussões acerca do património oleiro na região turística de águas termais de Caldas Novas (interior de Goiás, Brasil), ainda que timidamente, vêm ocorrendo, ao nível da investigação e ensino, com mais precisão, desde as primeiras décadas do século XXI, integrando assim, o âmbito mais alargado de um movimento de defesa do património cultural regional. Nesse entremeio, o presente artigo de origem exploratória almeja ressaltar algumas reflexões sobre a produção espacial oleira e seu património, tendo como destaque, a trajetória, características da construção e organização do estilo de vida e trabalho do povo. Dentro desse debate, a pesquisa tem como ponto de partida, caracterizar a região turística das águas termais; apresentar as discussões sobre o conceito "património" e estabelecer um paralelo entre aquele e a realidade histórica, geográfica e afins. Como resultado, observou-se que as práticas socioculturais e políticas públicas inseridas nos lugares, nos espaços, nos territórios e na região poderão reinventar as formas de uso do património oleiro, termal, bem como de outras particularidades responsáveis por construir e organizar o espaço, de forma a se tornarem potenciais atractivos turísticos para promover um crescimento económico sustentável na região.

Palavras-chave: Água termal, olaria, região turística, património turístico.

Abstract

Initially tentative discussions about pottery heritage in the thermal water's region of Caldas Novas (interior of Goiás, Brazil), have been occurring with more detail in research and teaching since the first decades of the 21st century, thereby integrating with the larger scope of a movement to promote regional cultural heritage. Connecting these two aspects, this exploratory article aims to shed light onto some reflections on the spatial production of pottery and its heritage, highlighting the trajectory, characteristics of the construction and organization of the people's lifestyle and work. Within this debate, the research begins by characterizing the thermal waters tourist region; presents the discussions on the concept of "heritage" and establishes a parallel between it and the historical, geographical and related reality. As a result, it was observed that socio-cultural practices and public policies inserted in places, spaces, territories and in the region could reinvent the ways of using pottery heritage, thermal waters, as well as other particularities responsible for building and organizing space, in order to become potential tourist attractions to promote sustainable economic growth in the region.

Keywords: Thermal waters, Pottery, touristic region, touristic heritage.

Introdução

Segundo Santos e Silva (2015), hoje é possível afirmar, explicitamente, que «a arte popular oleira é, por direito próprio, um símbolo vivo da história e tradição de sujeitos que desenvolvem (e desenvolveram) modos de vida contemporâneos [...], ao manter raízes, conteúdos e densidades de um saber fazer popular com o barro que ainda se revela como importante para a identidade cultural e social de suas populações.» (p. 934)

Este artigo sedimenta-se a partir dos resultados da pesquisa «Cerrado da Microrregião de Quirinópolis, uma Terra de Oleiros: história, tradição, memória e arte popular», desenvolvida na Universidade Estadual de Goiás (UEG) e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Goiás (FAPEG).

Ainda incipientes e diminutos, os trabalhos académicos produzidos por investigadores e graduados de universidades públicas e privadas da região turística das águas quentes apresentam deficiências de análise conceptual, técnica e metodológica que teorizem e sistematizem o debate no contexto do turismo termal.

É vantajosa a inventariação de situações que valorizarão o património oleiro de cada município que se compõe como destino turístico, pois, os testemunhos, modo de vida e memória presentes podem contribuir para o enriquecimento dos estudos interdisciplinares, especialmente, da gestão, geografia, história, literatura, turismo, dentre outras áreas do saber científico. Por essa razão, neste artigo, propomo-nos questionar, partindo de um olhar investigativo e centrado, da raiz dos patrimónios culturais, até às temáticas mais transversais como a olaria e águas termais. Segundo Abreu (2012), «materializado na paisagem, preservado em “instituições de memória”, ou ainda vivo na cultura e no quotidiano dos lugares. [...] A busca da identidade dos lugares, tão alardeada nos dias de hoje, tem sido fundamentalmente uma busca de raízes, uma busca de passado.» (p. 21)

Neste contexto, a memória é «[...] importante para a dinâmica social porque é um sistema depositário, não só de passado distante, mas também vividamente das representações sociais do presente» (Guimarães, 2017, p. 232). Assim, é preciso considerar a trajetória vivida e observada, pois, são nessas circunstâncias, fincadas em diferentes memórias, que os lugares com os seus patrimónios diversos não documentados se alternam ou simplesmente desaparecem ou ressurgem diante de novas concepções. Logo, dissipam-se as suas particularidades e densidades, não sendo reutilizados por outras actividades, entre elas a turística.

O presente trabalho intenta destacar algumas reflexões sobre a produção espacial oleira e seu património. Será abordada a trajectória e o modo de vida do povo autóctone, de forma a caracterizar, organizar e ajudar a produzir o perfil turístico distinto do interior de Goiás, no que concerne a espaços e paisagens. Como bem explica Costa (2010), o espaço, o território e/ou a paisagem, «não são criados por si só (não são sujeitos de mudanças, existem a partir da percepção humana). Os homens os criam e transformam de acordo com a lógica de seu tempo, os estruturam conforme suas necessidades produtivas e reprodutivas, de uma ideologia que é, ao mesmo tempo, um dado da essência e um dado da existência humana.»

Metodologia

As comunidades oleiras em que se estabeleceu o exame de que desejamos levar a cabo foram os municípios de Rio Quente, Marzagão, Corumbáiba e Caldas Novas. Augura-se aprofundar a existência do património oleiro nas perspectivas do turismo e da paisagem cultural, definindo, assim, o perfil turístico do interior de Goiás. Nesse sentido, o estudo assume-se como exploratório e foi delineado através de um apurado “estado da arte”.

Pesquisas exploratórias, segundo Gil (1999), são utilizadas amiúde para realizar estudos em que o principal objectivo é familiarizar-se com o fenómeno investigado, de modo que se detenha uma maior compreensão, entendimento e precisão. Atendendo o cariz da pesquisa exploratória, o estado da arte mostrou-se como a técnica de colecta de dados mais ajustada a génese dos objectivos definidos. Barichello (2016), propugna “estado da arte” como a ferramenta que possibilita conhecer que estudos foram realizados e/ou estão em produção, para além de dar resposta de como se tem dado essa produção e pesquisas. Nesse sentido, permite ao leitor, a visão da evolução das pesquisas na área e lacunas existentes, além de auxiliar no desenvolvimento de novas questões.

Principais Resultados e Contributos

1. Caracterização da região turística das Caldas Novas

Descriminar “região” como conjunto de “lugares” é fundamental para orientar as direcções teóricas deste artigo, principalmente pelo raio do estudo, englobar vários municípios, alguns mais propícios que outros, à actividade turística.

De acordo com Gunn (2002, cit in Santos, 2013, p. 71), região turística «[...] é uma unidade geográfica que engloba uma comunidade, a sua área circundante, suas atracções e ligação de

acesso, que são peças principais de uma região geográfica turística.» Destinos, nesse ponto de vista, podem englobar uma ou várias nações; uma ou várias regiões, estados ou sub-regiões; uma ou várias comarcas, ou subcomarcas; uma ou várias províncias, sejam elas ou não de uma mesma região ou subprovíncia.

Portanto, região turística será concebida, neste artigo, «[...] como um espaço em que o aspecto principal é a presença do turista e as possibilidades oferecidas, o portal de entrada e corredores de circulação dos visitantes, a atracção principal, os sujeitos sensibilizados e os lugares sem atractivos turísticos» (Santos, 2012, p. 96).

Como se evidenciou à partida, discutir o conceito de “destino”, implica também ter noção de “lugar”, designadamente «[...] grupo de municípios, um município e um lugar ou comunidade, de modo que cada uma dessas unidades de gestão turística se configure de acordo com suas características históricas, geográficas, antropológicas ou sociológicas ou por qualquer outro motivo» (Santos, 2013, p. 56).

Conforme o Ministério do Turismo de Goiás, “estado” fora classificado como o espaço composto pela região correspondente a nove regiões turísticas, englobando nela 246 municipalidades e novos destinos turísticos, posteriores a 2012. Entre esses lugares está a região turística das águas termais, formada por 41 municípios goianos, a saber: Água Limpa, Aloândia, Anhanguera, Bom Jesus de Goiás, Buriti Alegre, Cachoeira Alta, Cachoeira Dourada, Caçu, Caldas Novas, Campo Alegre de Goiás, Catalão, Corumbáiba, Cromínia, Cumari, Davinópolis, Goiandira, Goiatuba, Gouvelândia, Inaciolândia, Ipameri, Itajá, Itarumã, Itumbiara, Joviânia, Lagoa Santa, Mairipotaba, Marzagão, Morrinhos, Nova Aurora, Ouvidor, Panamá, Paranaiguara, Piracanjuba, Pontalina, Porteirão, Professor Jamil, Quirinópolis, Rio Quente, São Simão, Três Ranchos e Vicentinópolis.

A principal cidade turística dessa região é Caldas Novas, lugar em que os vários agentes, em conjunto, vendem as suas águas quentes como um produto total, correspondendo às expectativas que os turistas esperam viver no destino. O município de Caldas Novas possui uma área de 1.595,95 km² e localiza-se na microrregião de Meia Ponte, cuja mesorregião é denominada como Sul Goiano, no Centro-Oeste brasileiro (IBGE, 2010).

Segundo dados oficiais do Censo Demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade tem 70.473 habitantes fixos e está distante aproximadamente 170km da capital do estado, Goiânia. Os municípios limítrofes a Caldas Novas são: Piracanjuba, Santa Cruz de Goiás e Pires do Rio, a norte; Marzagão e Corumbáiba, a sul; Ipameri, a leste; Rio Quente

e Morrinhos, a oeste. A região de Caldas Novas encontra-se entre os rios Corumbá e Piracanjuba, afluentes da margem direita do rio Paranaíba.

Na região de Caldas Novas, em termos de potencialidade e património turístico, observa-se o fenómeno de fontes de água termal. Estudos realizados por Campos, Tröger e Haesbaert (2005) explicitam que as águas são aquecidas através do calor do interior da terra, em camadas profundas do solo e permeáveis – são as águas da chuva que penetram no solo, descendo a uma profundidade de 1.500 metros.

A localização geográfica e a situação climatérica do município trouxeram condições favoráveis para o uso da água termal como recurso medicinal no início da sua história e atractivo turístico na actualidade. De acordo com o Guiatur (2003, p. 47):

O médico Ruy Bueno de Arruda Camargo, um dos maiores estudiosos das águas minerais e termais do Brasil, afirma que as mesmas contêm propriedades e indicações terapêuticas, porém, lembra que as mesmas deverão ser usadas na fonte. A acção medicamentosa das águas termais de Caldas Novas e Rio Quente é reconhecida desde o período imperial, desde quando então, aqui estiveram o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire (1819), o médico cientista Dr. Vicente Moretti Foggia (1839), Dr. João Maurício Faivre (1842), Dr. Azevedo Pimentel (1896), Dr. Orozimbo Corrêa Neto (1918) entre outros, todos com os mesmos objetivos.

Nos primórdios dessa região, as águas eram usadas para a cura de doenças de pele, como o mal de Hansen (ou hanseníase, lepra), dores reumáticas e outras.

Umas e outras fontes termais passaram quase despercebidas até o ano de 1818, em que Caldas Novas adquiriu alguma reputação porque Fernando Delgado, penúltimo Governador de Goiás, com o uso das suas águas, conseguiu curar-se de uma dor reumática com paralisia incompleta do braço direito (Pimentel, cit in Oriente, 1982, p. 106).

As águas de Caldas Novas têm temperaturas que variam de 30 a 57° C e são consideradas oligominerais, ou seja, apresentam poucos minerais e hipertermais radiativos (Guiatur, 2003).

Além da vocação de estância hidrotermal, Caldas Novas tem grande potencial em outras modalidades turísticas, tais como ecoturismo, turismo de aventura e rural, desportos náuticos e pesca no Lago Corumbá, o artesanato oleiro, cachoeiras e a Serra de Caldas. O turismo de saúde é outro segmento que pode atrair mais turistas a partir do desenvolvimento de programas

específicos, buscando explorar os benefícios terapêuticos do recurso natural (águas termais). Sales, Freitas e Santos (2017) ponderam que Caldas Novas é um cenário que proporciona diversas experiências aos visitantes que chegam ao interior do estado de Goiás, ainda não explorado comercialmente e que, «do ponto de vista da oferta, o destino possui requisitos essenciais, como: condições de alojamento, actividade de recreio, lazer, cultura, um parque estadual, entre outros capazes de preencher o tempo livre dos turistas, de acordo com as suas motivações.» (p. 51)

Para esse núcleo urbano:

[...] o turismo e as outras actividades (gastronomia, hotelaria, artesanato, lazer etc.) ligadas a esse segmento representam uma alternativa socioeconômica, no âmbito da cidadania, de geração de emprego e fonte de renda; da promoção do desenvolvimento econômico e cultural nas bases local e regional; e da conservação de recursos [...]. Vale ressaltar que a cidade ocupa o 13º lugar no ranking dos destinos mais visitados do Brasil, em se tratando das viagens domésticas, porém, é o primeiro como destino de interior [...] (Sales, Freitas & Santos, 2017, p. 52).

Souza (2011) cita que a cidade é a segunda classificada em verticalização e uma das maiores em concentração de meios de hospedagem do Centro-Oeste. Entre tais meios destacam-se hotéis, pousadas, *flats*, apart-hotéis e condomínios residenciais com águas termais. Todos oferecem acomodação para turistas. Cabe dizer que, apesar de os condomínios terem características residenciais, a sua estrutura é composta por parques aquáticos com água termal, e os seus proprietários desenvolvem a actividade de locação de unidades habitacionais no formato de aluguer de temporada, por intermédio de imobiliárias e particulares.

2. Concepções sobre Património e Turismo

As questões sobre o conceito de património estão na ordem do dia, nas mais diferentes linhas de pesquisa e discussões académicas. Com efeito, no início de século XXI, o património aparece como uma possibilidade de diálogo espacial, gerando enormes responsabilidades nas análises dos longos processos de construção regional e territorial, em que os elementos humanos sedimentam historicamente os lugares e, ao mesmo tempo, sofrem mutações ou interferências. A ampliação do conceito de património, sobretudo nas últimas décadas, tem proporcionado experiências inovadoras por todo o Brasil, como resultado das reflexões teóricas sobre o assunto (Santos & Alves, 2005).

De facto, deve-se dedicar especial atenção aos bens culturais e aos patrimónios mais diversificados, relacionados com o trabalho e a tecnologia, o quotidiano e o povo anónimo ou sem voz. É nesse sentido que Mendes (2008) destaca que, muitas comunidades se identificam com as actividades nelas desenvolvidas, «por vezes ao longo de décadas ou séculos; como tudo o que lhes diga respeito, em virtude daquelas que apresentam fortes elementos identitários, o dito património tem um valor simbólico.» (p. 30)

As teorias sobre o conceito de património cultural, destacam ser «[...] monumentos, conjuntos de edifícios e locais que tem um valor histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico [...]» (Medina & Santamarina, 2004, p. 61). Assim, o património cultural, na abordagem regional, é uma fonte múltipla e inesgotável, com valores estéticos, particularidades e densidades.

Nesse sentido, o património cultural é formado por bens materiais construídos por meio das técnicas desenvolvidas pelos sujeitos e por bens imateriais que se ligam ao imaginário, às representações e aos simbolismos. Ele representa a identidade e a memória dos grupos sociais, na medida em que as construções, os artefactos, as lendas e as festas dizem respeito ao lugar construído material e simbolicamente.

Santos e Alves (2005) referem ser dessa forma que se passam a constituir bens culturais, formando parte do património cultural e, às vezes, tendo significados para uma população maior, o que expande a sua abrangência para além do local.

O património oleiro, portanto, pode representar significado simbólico, ressaltando a identidade de sujeitos que habitam caminhos inseridos ao longo de estradas que são vias de acesso a destinos turísticos. Em génese, os elementos de quantificação e discussão em torno do património oleiro, caracteriza-se por diferentes trabalhos artesanais que agregam as funções essenciais de convivência em sociedade. São estes os utensílios domésticos, tijolos, telhas e diversos trabalhos artísticos encontrados nas paisagens do interior do Brasil, especificamente na região turística das águas termais, em Goiás, com significados profundos que revelam a história dos povos do cerrado com a sua forma de habitação e apropriação do espaço – tais factores são peculiares daquele lugar onde se inserem. Assim, pode-se entender que no espaço oleiro, mesmo:

[...] que seja complicado encontrar uma palavra que o caracterize, é uma totalidade que contém e está contida, em par dialéctico, de elementos que constituem a sociedade. Sendo sustentáculo das relações sociais materializadas e/ou imaterializadas de carácter histórico-cultural e ao mesmo tempo as relações sociais

necessitam do espaço como receptor em forma de objetos e acções, tal dialéctica é interdependente e a interação entre eles ocorre por intermédio da(s) influência(s) ideológica(s) de maneira contínua e progressiva (Bandeira & Galvão, 2016, p. 29).

Nesse processo, as actividades e políticas públicas inseridas nos lugares, nos espaços, nos territórios e na região, poderão reinventar as formas de uso do património oleiro, bem como de outras particularidades responsáveis por construir e organizar o espaço. Isso indica que, no interior do Brasil, de alguma forma, os sujeitos das diferentes paisagens que formam a região precisam comunicar-se, organizar-se e estabelecer relações, definindo linhas gerais norteadoras de conservação, restauração e preservação do património e dos bens culturais. É neste quadro que se colocam os negócios turísticos (e suas estratégias territoriais) como um fenómeno civilizacional suportado por cultura, história, povos, língua, trabalho artesanal, economia criativa e um sistema de símbolos e valores que, com as suas contradições, envolve a produção e consumo. Assim, ele deve ser visto «[...] no âmbito de um paradigma moderno de gestão e planeamento de pessoas, do património, da cultura» (Costa, Brandão, Costa & Breda, 2014, p. 13).

Realça Barretto (2007) que, no negócio turístico, entre os seus principais atractivos, está a cultura humana, que pode ser a história, o quotidiano, o artesanato ou qualquer dos aspectos abrangidos pelo conceito de cultura. Para a autora, esse tipo de turismo é uma incursão «[...] personalizada em outros locais e culturas para aprender sobre as pessoas, seus estilos de vida, seu legado e sua arte, características que devem ser mostradas de uma forma tal que represente genuinamente essas culturas e seus contextos históricos» (p.87).

Nesse sentido, a obra de Fayos-Solà e Jafari (2009, p. 160) ajuda a compreender que o Turismo deve «[...] respeitar a autenticidade sociocultural das comunidades anfitriãs, preservar seus activos/bens culturais, arquitectónicos, vivos e seus valores tradicionais e contribuir para a compreensão e tolerância intercultural». É possível, porquanto, pensar que o sujeito que interessa ao turismo é também um ser de cultura, pois, aprende o que sabe fazer e possui motivações para isso a partir do que o rodeia. A cultura assim adquirida, segundo Claval (2008), é feita de elementos díspares, às vezes contraditórias.

No caso do estado de Goiás, Almeida (2003, p. 18) sublinha que, quando o turismo avança célere por planaltos, cavernas, lagos, rios, cidades, fazendas, museus, festas e cozinha, «parece-nos que temos ainda de desvendar, projetar mais luzes sobre aqueles que fazem o lugar, fazem a “produção da vida” das pessoas». À luz desse debate, Cravidão (2014) assevera ainda que o turismo é

um território de memórias materiais e imateriais, como também uma teia de contradições. Para muitos, a viagem continua a ser um emaranhado de fronteiras entre o imaginário e o concreto, entre o real e a ficção, em que o lugar adquire cada vez mais um valor simbólico. E é aqui que as actividades turísticas do cerrado goiano podem ter um campo completamente aberto para serem desenvolvidas.

3. Olaria e a região turística de Caldas Novas

Não se sabe ao certo quando é que os oleiros chegaram aos municípios de Caldas Novas, Marzagão, Corumbaíba e Rio Quente. No entanto, sabe-se que a presença de olarias, no contexto regional (Goiás), trouxe traços profundos de uma cultura distinta que ocupou primeiro os espaços urbanos e, depois, sedimentaram-se, com novos hábitos e mentalidades, nos espaços rurais.

Porém, os oleiros na primeira década do século XXI emergiram, ocupando territórios das pequenas cidades localizadas nas margens das estradas goianas que são corredores de circulação de turistas, com o intuito de chegar aos núcleos urbanos de Caldas Novas e Rio Quente.

A partir dos elementos naturais dos territórios (barro), os oleiros passaram a constituir-se agentes de venda de arte aos turistas, gerando teias comerciais que não se faziam presentes nessas zonas urbanas. Actualmente, tais espaços são *loci* da vida social, uma vez que transmitem, nas relações comerciais, traços singulares de “tornos oleiros”. Essa expressão formal, aparente e repleta de conteúdos imaginários é responsável pelas relações entre sujeitos oleiros e turistas, não obstante, tal expressão representar «[...] relações sociais em movimento e que se materializam espacialmente» (Cavalcanti, 2001, p. 14).

O património artesanal, além do seu valor próprio, é documento, testemunho e suporte de memória dos sujeitos que habitam a região turística das águas termais que, por sua vez, também possui um valor simbólico. Tal entendimento pode ser respaldado em Pla (2006), que discorre sobre o artesanato como uma expressão primordial, original e «[...] também, e basicamente, serviço, [...] como um espetáculo de valores estéticos e socioculturais, e que tem o seu índice na crescente aquisição de objectos artesanais que enriquecem, artisticamente ou utilitariamente, a vida do quotidiano». (p. 8)

Castro e Santos (2005, p. 9) por conta disso, arrazoam que «[...] nas diferentes culturas do mundo, as cerâmicas se manifestam ao logo da historia [...]».

O modo de produção e o saber fazer das pessoas que ainda ocupam ou habitavam esses lugares mostram a preocupação com a produção de peças que são comercializadas aos diferentes turistas. Assim sendo, é possível afirmar que os oleiros que habitam as pequenas cidades da região turística das águas deixam as suas marcas e a sua arte nas formas de produzir.

Apesar de toda a relevância regional do saber fazer artesanal, na realidade, observa-se uma situação que desintegra o património e a cultura popular oleira, que são testemunhos de paisagens actuais e pretéritas a serem preservadas por meio da valorização contínua e integradas nos seus recursos endógenos. O dito património também possui um valor simbólico e estético; todavia, o que se tem vivenciado na região turística das águas termais é uma impossibilidade de preservar os elementos dessa cultura, visto que faltam informações e apoio público aos oleiros que comercializam a sua arte em cidades como Corumbaíba, Marzagão, Caldas Novas e Rio Quente.

Considerações finais

Embora ainda incipientes, registam-se avanços nos estudos sobre o património oleiro, no que diz respeito à exploração do património turístico na região das águas termais em Goiás. Os demais autores que exploram as potencialidades da região, vislumbram a consolidação territorial na expansão do modelo agropecuário capitalista, dando pouca importância à relevância dos modos de vida dos oleiros, compostos por hábitos, costumes, habilidades e saberes.

Portanto, os poucos estudos sobre o património turístico, desenvolvidos em algumas regiões do interior brasileiro, têm alimentado contributos teóricos e científicos dentro das diversas correntes científicas e do saber. Assim, a integração dos vários campos de exploração e apropriação do conhecimento ao eixo turístico oleiro, embora ainda enfraquecido academicamente, é uma oportunidade imprescindível para agregação interdisciplinar de conhecimento e o consequente avanço da investigação científica.

Os autores convocados para alimentar as discussões no trabalho, nesse viés, ao fomentar a pesquisa em torno do património oleiro, associando-o à actividade turística, abrem novas oportunidades de construção de debates, permitindo aprofundar a investigação científica. É preciso abordar as relações com o meio físico e a actual condição social desses sujeitos, frente às transformações das modernidades económicas impostas às pequenas cidades dominadas pela força do agronegócio. Sugere-se, então, que o município de Caldas Novas, principal destino turístico da região das águas termais, seja um actuante por intermédio de secretarias e órgãos

competentes, mediando e convergindo o empresariado, a hotelaria, os colaboradores desse sector, o comércio e os cidadãos, a fim de que todos entendam o significado do património cultural da cidade e região. Também, o fomento e a criação dos comités ou associações responsáveis pelo desenvolvimento e pela defesa dos interesses de um património cultural artesanal sadio.

É preciso, sobretudo, publicitar todas as iniciativas públicas e público-privadas, agregando valor ao turismo, a Caldas Novas, à região turística das águas termais e ao seu povo. Assim, a consciencialização da população acerca dos benefícios do turismo cultural virá a partir de uma eficiente educação que valorize o saber fazer local e regional. Nesse sentido, o património aparece como uma possibilidade de diálogo espacial, gerando enormes responsabilidades nas análises dos longos processos de construção regional e territorial, em que os elementos humanos sedimentam historicamente os lugares e, ao mesmo tempo, sofrem mutações ou interferências. Como resultado, é possível perceber que as práticas socioculturais e políticas públicas inseridas nos lugares, nos espaços, nos territórios e na região, poderão reinventar as formas de uso do património oleiro, termal, bem como de outras particularidades responsáveis por construir e organizar o espaço, de forma a tornarem-se potenciais atractivos turísticos para promover um crescimento económico sustentável na região.

Referências Bibliográficas

- Abreu, M. (2012). Sobre a memória das cidades. In: A, Carlos; M, Souza & M, Sposito (Orgs.) A produção do espaço urbano. SP, Brasil. Contexto. p. 19-39.
- Almeida, M. (2003). Lugares Turísticos e a Falácia do Intercâmbio Cultural. In: M, Almeida (Org.). Paradigmas do Turismo. Goiânia, Brasil. Alternativa. p. 11-19.
- Bandeira, J. M. de A.; Galvão, M. L. de M. (2016). O Conceito de Espaço Geográfico: um esforço de definição. In: Revista GeoConexões. v. 2. n. 2. p. 26-30
- Barichello, E. (2016). *Autoria na elaboração de uma tese*. In M. Lopes, C. Moura & P, Claudia (Org). Pesquisa em Comunicação. Metodologia e Praticas Académicas. Porto Alegre, Brasil. EDFIPUCRS.
- Barretto, M. (2007). Cultura e turismo: discussões contemporâneas. Campinas, Brasil. Papyrus.

- Campos, J. E. G.; Tröger, U.; Haesbaert, F. F. (2017). Águas quentes de Caldas Novas, GO – Notável ocorrência de águas termais sem associação com magmatismo. In: M, Winge et al. (Eds.). Sítios geológicos e paleontológicos do Brasil.
- Castro, I & Santos, I. (2005). Raqchi – cerámica pre-hispánica y contemporánea. Cuzco, Peru. Graficolors.
- Cavalcanti, L. (2001). Geografia da cidade – a produção do espaço urbano de Goiânia. In: L, Cavalcanti. Uma geografia da cidade – elementos da produção do espaço urbano. Goiânia, Brasil. Alternativa.
- Claval, P. (2008). Geografia e dimensão espacial: a importância dos processos na superfície da terra. In: M, Almeida; E, Chaveiro & H, Braga (Orgs.). Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares. Goiânia, Brasil. Vieira.
- Costa, C; Brandão, F; Costa, R & Breda, Z. (2014). Turismo nos países lusófonos: conhecimento, estratégia e territórios. Lisboa, Portugal: Editora Escolar.
- Costa, E. B. (2010). A concretude do fenômeno turismo e as cidades patrimônio mercadoria: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro, Brasil. Livre Expressão.
- Cravidão, F. (2014). Velho(s) território(s): novo(s) turismo(s). In: C, Costa; F, Brandão; R, Costa & Z, Breda. Turismo nos países Lusófonos: conhecimento, estratégia e territórios. Lisboa, Portugal. Escolar Editora. p. 59-69.
- Fayos-Solà, E & Jafari, J. (2009). Cambio climático y turismo: realidad y ficción. Valência, Espanã. Publicacions de la Universitat de Valência.
- Gil, A. (1999). Métodos e Técnicas de Pesquisa Social (5ª ed.). São Paulo, Brasil: Editora Atlas
- Guiatur. (2003). Guia turístico de Goiás. Goiânia, Brasil.
- Guimarães, V. (2017). Memória, temporalidade e religiosidade: rastros de presentismo no neopentecostalismo. Revista Sapiência: sociedade, saberes & práticas educacionais, *dossiê religiões e Religiosidades na Modernidade Tardia*. v. 6. p. 227-244.
- Gunn, C. (2002). Tourism planning: basics, concepts, cases (4a ed.). Translated by Jean Carlos Vieira Santos. New York, EUA. Routledge.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2017). Dados estatísticos.
- Medina, N.; Santamarina, J. (2004). Turismo de natureza en Cuba. Ciudad de La Habana, Cuba. Ediciones Unión.
- Mendes, J. (2008). Património e cultura como alavancas do desenvolvimento. In: R, Cunha *et al.* Jornadas do património do algarve: arqueologia e património industrial, 9., 2008, Albufeira. Actas... Albufeira, Portugal. Artes Gráficas. p. 28-37.

- Oriente, T. (1982). Antologia: as fabulosas águas quentes de Caldas Novas (6ª ed.). Goiânia, Brasil.
- Pla, J. (2006). La cerámica popular paraguaya. Asunción, Paraguai. Editora de la Universidad Católica de Nuestra Señora de La Asunción.
- Sales, T. K. P.; Freitas, D. P. de; Santos, J. C. V. (2017). Inovação e desenvolvimento econômico-sustentável: uma análise sobre as micro e pequenas empresas do setor de alimentação na cidade turística de Caldas Novas (GO). *Turismo: Estudos & Práticas, Mossoró*. v. 6. n. 1. p. 50-68.
- Santos, J. C. V. (2012). Partes geográficas de uma região turística: abordagens preliminares. In: A, Portuguez; G, Seabra & O, Queiroz (Orgs.) Turismo, espaço e estratégias de desenvolvimento local. João Pessoa. Editora Universitária da UFPB. p. 94-104.
- Santos, J. C. V. (2013). Região e destino turístico: sujeitos sensibilizados na geografia dos lugares. São Paulo, Brasil. All Print.
- Santos, J. C. V.; Silva, J. A. (2015). Olaria e turismo cultural: reflexões sobre o caso Alentejo-Portugal. *Turismo em Análise (USP)*. v. 26. n.4 – dezembro. p. 933-959.
- Santos, R. J.; Alves, K. B. (2005). Registro do patrimônio cultural e edificado das áreas diretamente afetadas, de entorno e influência das usinas hidrelétricas de Capim Branco I e II. Uberlândia, Brasil. Composer.